

Um dos grandes problemas ainda não resolvidos no processo de tomada de decisões políticas é o da adoção de critérios ou métodos de avaliação de propostas. O Partido Pirata, como um Partido em formação, precisa urgentemente enfrentar essa questão e apresentar à sociedade um projeto político que seja, de fato, um projeto diferente e no qual valha a pena investir.

Todos nós já passamos por discussões políticas em que opiniões proferidas foram avaliadas não por seu mérito ou demérito, mas avaliadas por serem proferidas por este ou aquele interlocutor. É muito comum, que se avalie uma proposta levando em consideração o currículo ou a história pessoal de quem a emite. Em poucas palavras: avalia-se não a proposta, mas quem a formula. Esse comportamento pode ser considerado normal ou aceitável por vários motivos, principalmente quando não possuímos a capacidade para avaliar uma proposta em todos os seus pormenores, suas consequências ou quando desconfiamos de interesses velados que não podem ser detectados a priori. Avaliar uma idéia ou proposta sempre se torna um enorme desafio técnico e na maioria das vezes fica mais fácil aceitar ou rejeitar uma idéia se ela parte de alguém que conhecemos, alguém em quem confiamos ou então desconfiamos. Basta invocar o histórico ou o julgamento do caráter de quem formula determinada proposta para validar ou rechaçar quando não estamos certos de suas consequências.

Ocorre também de tomarmos uma decisão sobre uma proposta amparados em nossas próprias opiniões, estando essas opiniões certas ou erradas. Temos a tendência de acreditar que nossas opiniões são sempre as melhores e não somos muito afeitos a mudar de opinião, principalmente se somos confrontados por alguém que não temos simpatia. Neste caso, nós também nos inclinamos a avaliar o caráter e o histórico de quem confronta nossas opiniões para poder decidir se nos permitimos ou não mudar de opinião.

Nos tempos atuais, em que a complexidade do pensamento contemporâneo nos obriga a considerar válidos pontos de vista que são aparentemente incompatíveis, a tarefa de se tomar decisões políticas se torna ainda mais difícil. Essa complexidade necessariamente nos obriga a atuar dentro de um esquema de extrema divisão e radicalização do processo de individualização. Cada ser humano passa a ser o centro de seu universo e sua história de vida, sua trajetória e experiências o coloca em determinado ponto de vista e avaliação da realidade que é simplesmente única e intransferível.

Alguns de nós podemos nos considerar privilegiados por ter tido a oportunidade de estudar e sermos apresentados a um universo de conhecimento que nos permite a fazer uma avaliação crítica da realidade, inclusive levando em consideração a complexidade do pensamento contemporâneo, mas isso ainda não é suficiente para que possamos nos arvorar em nossas opiniões e considerá-las as melhores, frente a opiniões alheias. Mesmo os que já se debruçaram em muitos volumes de conhecimento social e político não estão aptos a confrontar o pensamento de quem se debruçou sobre outros tantos volumes e graduações sem correr o risco de cometer uma injustiça calcada na arrogância intelectual.

Por isso e muito mais, precisamos meditar sobre o processo de tomada de decisões políticas, que possa contemplar um sem número de opiniões divergentes, um sem número de universos de experiências díspares e pontos de vista conflitantes.

O melhor que conseguimos fazer hoje, que é chamado de processo democrático, é acatar o ponto de vista e a opinião da maioria. Mas, mesmo a maioria das opiniões pode não ser a melhor opinião. Na verdade, a vontade da maioria pode até mesmo ser a pior decisão a ser tomada em nome da vontade coletiva. Existem muitos e muitos exemplos de como o processo democrático pode ser prejudicial ao coletivo e sobre isso cada um deve meditar por sua própria conta. Posso dizer aqui que a vontade da maioria se torna obrigatoriamente uma opressão sobre a vontade da minoria e isso é um fato. Mas é o melhor que podemos fazer, pelo menos até aqui.

Nós temos a responsabilidade de pensar sobre um novo processo de tomada de decisões políticas, um processo "pós-democrático" em que a vontade da maioria não pode se opor ao que deseja uma minoria.

A busca de consenso dentro da política é o ideal desejado, mas inalcançável.

Um primeiro passo a ser dado, com muito custo e dificuldade, é abandonarmos o processo democrático para a tomada de decisões. Na verdade, trata-se abandonar a falsa democracia a que estamos acostumados, que é uma ditadura da maioria. Precisamos conciliar os pontos de vista que sejam conflitantes em um arranjo político que seja possível ser aceito pelas partes em desacordo. Isso seria a promoção de uma verdadeira democracia, em que todos possam ser atendidos em suas necessidades, em que todos os pontos de vista possam ser considerados e acomodados, em um arranjo de respeito à diversidade, de opiniões e pontos de vista.

Assim, o esforço primeiro seria o fim dos processos de votação para a tomada de decisão. Substituir os fóruns deliberativos pelos fóruns de conciliação, onde cada parte em desacordo possa encontrar um ponto de equilíbrio para que não a melhor decisão seja tomada, mas a que possa respeitar as diversas opiniões apresentadas.

Somente em casos em que esse processo seja impossível de ser viabilizado é que deveríamos apelar para a ditadura da maioria.

Se assumirmos o compromisso com a diversidade, com os pontos de vista que não são os nossos, estamos dando um passo importante para criarmos uma cultura de tolerância e verdadeiro respeito ao próximo. Tenho a consciência que pode ser muito, mas muito difícil permitir que um ponto de vista que não seja o nosso tenha espaço em nosso Partido, em nossa sociedade, mas se não estivermos preparados para encarar esse desafio, não estamos prontos para criar um Partido Político verdadeiramente revolucionário e em consonância com os valores da contemporaneidade. Não precisamos aqui remoer sobre a validade de pontos de vista que vão contra nossas cláusulas péticas. Não precisamos fazer uma abertura para qualquer tipo de pensamento, que possa ser fascista ou opressor, pois estamos aqui a falar sobre respeito à diversidade, e isso já elimina qualquer tentativa de pensamento único ou desrespeito ao ser humano.

Um abraço fraternal a todos.

Amauri Alves Wensko